

ARTESÃO INDUSTRIAL INDEPENDENTE: AUTONOMIA OU SUBSUNÇÃO AO CAPITAL¹

INDEPENDENT INDUSTRIAL ARTESIAN: AUTONOMY OR CAPITAL SUBMISSION

Ivan Livindo de Senna Corrêa¹ e Maria Clara Bueno Fischer²

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Colégio de Aplicação, Brasil, e-mail: ivanlivindo@gmail.com

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Brasil, e-mail: mariaclara180211@gmail.com

ARTICLE INFO

Article history:

Received 2019-06-06

Accepted 2019-09-06

Available online 2019-09-06

Palavras-chave: Artesão industrial independente, Trabalho metalúrgico, Autonomia, Cooperação.

Keywords: Independent industrial artisan; Metallurgic work; Autonomy; Cooperation.

RESUMO. *Este artigo tem como objetivo identificar as semelhanças do trabalho dos metalúrgicos organizados em pequenas unidades de produção da Serra Gaúcha com o artesão industrial independente e com o trabalhador assalariado. Como estratégia investigativa, realizou-se: uma observação participante junto a seis pequenas unidades de produção localizadas nos municípios de Canela-RS e Caxias do Sul-RS; e uma entrevista semiestruturada com dez trabalhadores que concordaram em participar da pesquisa. Os dados foram analisados com base no materialismo histórico e dialético. Como resultado da pesquisa, observou-se que o trabalho desenvolvido nas unidades de produção assemelha-se ao artesão industrial independente pelos seguintes aspectos: local de trabalho anexo à moradia; propriedade dos meios de produção; conhecimentos técnicos, científicos e do processo produtivo; autonomia de ter ideia, de escolha no processo produtivo e do controle do tempo; cooperação simples, solidária e comunitária; e o trabalho como reprodução ampliada de vida; o ensino de crianças e jovens. Contraditoriamente, o trabalho nas unidades também guarda semelhança com o trabalhador assalariado. Conclui-se que o trabalho do artesão industrial independente ainda encontra-se longe de constituir-se uma “atividade autônoma” e mais perto do trabalho domiciliar e pagamento por peça, porém traz em si uma proximidade com a comunidade local que o vincula à economia popular.*

ABSTRACT. *This paper that aimed to identify the similarities in the work of metallurgic workers organized in small units in Serra Gaúcha with the independent industrial artisan and with waged workers. As investigative strategy was the participant observation done in six small autonomous production units in Canela-RS and Caxias do Sul-RS cities, a semi structured interview was conducted with ten metalworkers who agreed to be part of the research. The data analyses were based on the theoretical references of the historical and dialectical materialism. As the research results it was observed that the work developed in small production units of Serra Gaúcha in a way is similar to the independent industrial artisan in the following aspects: the working place is attached to their houses;*

¹ Este artigo é fruto dos estudos de doutorado em educação realizados na Universidade Federal do Rio Grande do Sul sob o título: Autonomia, cooperação e conhecimento na experiência de trabalho de metalúrgicos da Serra Gaúcha.

property of the means of production; technical, scientific and productive processes knowledgement; autonomy on their ideas, choices in the productive process and time control; simple, solidarity and community cooperation; and work as life wideness reproduction; children and adolescents being taught. However, the work in the units also has similarities with waged workers. It was concluded that independent industrial artesian is far from being constituted as an “autonomous activity” and nearer to be a domicile work and by pieces payable, meanwhile is also close to the local community that is linked to popular economy.

1. Introdução

Os trabalhadores metalúrgicos investigados vivenciam uma conjuntura de mudança constante na sua matriz produtiva, impulsionada pela reestruturação produtiva do capital das últimas décadas. O processo de reestruturação produtiva na Serra Gaúcha, particularmente na indústria metalúrgica e mecânica, teve como consequência o aumento do número de micro e pequenas empresas, que foram denominadas, neste estudo, de pequenas unidades de produção. Segundo RAIS-MTE (2013), somente na cidade de Caxias do Sul-RS, houve um aumento do número de unidades de produção com zero a quatro trabalhadores, de 148 unidades, em 1985, para 1689 unidades em 2012. Esse é o contexto do estudo, que teve como objetivos: identificar as semelhanças do trabalho dos metalúrgicos organizados em pequenas unidades de produção da Serra Gaúcha com o artesão industrial independente e com o trabalhador assalariado a domicílio.

Entende-se como “artesão industrial independente” uma expressão conclusiva, fruto da reflexão histórica e dialética do processo de produção capitalista. Esse processo surge mediante a exploração do antigo artesão que, inicialmente, é subsumido ao capital através da manufatura. Com a introdução da maquinaria, o artesão acaba assumindo postos intermediários na estrutura hierárquica da divisão do trabalho no interior da indústria, ocupando cargos como o de supervisão ou de controle (MARX, 1985). Esse artesão, trabalhador qualificado, presente no processo produtivo², é identificado por Thompson (1987b) como “artesão industrial”, que possui conhecimento de diversos ofícios. Já o termo independente é utilizado por Marx (1985, 1988), no sentido de diferenciar o artesão que trabalha de empregado constituindo uma classe trabalhadora mais elevada no interior da produção industrial, do artesão independente que trabalha por conta própria, proprietário dos próprios meios de produção que, ao invés de trabalhar para o capital, trabalha para si. O

² O processo produtivo refere-se ao processo de produção de mercadoria, isto é, envolve o processo de trabalho e as formas de valorização do capital. Segundo Marx (1988, p. 148), “a própria mercadoria é unidade de valor de uso e valor, seu processo de produção tem de ser unidade de processo de trabalho e processo de formação de valor”. Por isso, quando se refere a processo produtivo no texto, refere-se não somente à forma que os trabalhadores modificam a matéria-prima em um objeto que terá um valor de uso, como esse objeto fruto do processo de trabalho possui um valor de troca, ele circulará em forma de mercadoria.

seu trabalho, ao invés de enriquecer o dono do capital, visa a enriquecer a si próprio. A independência do artesão industrial está diretamente vinculada a sua autonomia³.

O artesão industrial tem, historicamente, sido caracterizado por um trabalhador versátil, criativo e com experiências em várias atividades profissionais necessárias para a produção industrial. A esse trabalhador, Thompson (1987b, p. 85) refere-se como o artesão industrial ou simplesmente maquinista, que era “um mestre versátil em diversos ofícios, ‘de considerável engenhosidade e grandes conhecimentos mecânicos’, que ‘possui o talento e a experiência do ajustador, do fundidor de ferro e latão, do ferreiro e do torneiro, na sua mais extensa variedade’”. A independência desse trabalhador dá-se quando ele constrói a sua própria oficina, sendo o proprietário dos meios de produção, e começa a produzir produtos próprios ou mesmo subprodutos para outras indústrias. Parece que, com a exigência de trabalhadores versáteis nas pequenas unidades de produção autônomas, esses profissionais aproximam-se das características do que se definiu denominar “artesão industrial independente”.

Para conhecer a realidade do trabalho desses artesãos, adotou-se, como estratégia investigativa, a observação participante e as entrevistas semiestruturadas. Para a observação participante, um dos pesquisadores trabalhou como aprendiz em uma pequena unidade de produção (unidade de máquinas-ferramentas, onde trabalham o artesão proprietário e um auxiliar), onde pode observar o processo de trabalho e os momentos de produção de conhecimento tácito, em que os trabalhadores somavam esforços individuais e coletivos para resolver os problemas práticos do processo de trabalho. Também se observaram outras cinco unidades de produção que mantêm relação de cooperação: uma unidade de componentes plásticos (um artesão proprietário e dois auxiliares); uma unidade de matrizes (dois artesãos proprietários e cinco auxiliares); uma unidade de retífica (um artesão proprietário e sete auxiliares); uma unidade de soldagem (um artesão proprietário); e uma unidade de tornearia (um artesão proprietário e dois auxiliares). Num segundo momento do trabalho de campo, 10 (dez) trabalhadores, que concordaram em participar da pesquisa, foram entrevistados.

Para entender o foco investigativo, construiu-se, no decorrer do desenvolvimento da pesquisa, um referencial teórico que: a) se vincula às análises marxianas das relações capital-trabalho; b) se aproxima da produção teórica da economia popular⁴ no sentido de

³ Segundo Cattani (2000, p. 146-), autonomia “significa a condição de um indivíduo ou de um grupo suscetível de se determinar por si mesmo, segundo suas próprias leis” e a autonomia, nas atividades laborais, “implica a possibilidade de escolha das tarefas, dos meios e do sentido do trabalho, resultando em dignidade e satisfação”. Porém, a autonomia não é plena, sempre será relativa às condições disponíveis para produzir.

⁴ Entende-se por economia popular as *estratégias de vida* no sentido de buscar construir outra economia e que, para Razeto (2005); Gutiérrez (2005); Tiriba (2001), está vinculada à cooperação, ao companheirismo, à colaboração, à comunidade, à coletividade, à coordenação, entres outras palavras

entender as relações de cooperação entre as pequenas unidades de produção autônomas e a reprodução ampliada da vida.

2. O artesão industrial independente

Ao apresentar o trabalho do artesão industrial independente, procurou-se identificar os aspectos de humanidade desses trabalhadores. Humanidade que foi identificada como: criatividade, conhecimento, educação, ética, estética e saber fazer. Ao resgatar as características do artesão, não se vinculou o trabalho do artesão industrial independente com a perspectiva de emancipação no e do trabalho como propunha Gorz (2003), pelo contrário, constatou-se que o capital, para valorizar-se, submete tudo e todos a sua lógica. Todavia, ao resgatar o termo artesão destaca-se a *humanidade* e a *espiritualidade* (GRAMSCI, 2008) do trabalho no interior das unidades observadas. A *humanidade* do trabalho tem significado ontológico e dialético, no sentido de que, na criação produtiva, o sujeito constrói objetos que guardem em si parte do ser que o criou, ao mesmo tempo em que o criador internaliza o objeto criado. Isto é, o produto que é objetivado, criado, projetado e produzido no interior da oficina do artesão é a materialidade de parte do sujeito que a produziu e o sujeito guarda em si, na sua experiência, o conhecimento do produto de sua criação. Com isso, o produto é um produto humano ou o trabalho humano materializado. Já a *espiritualidade* do trabalho representa a capacidade intelectual e as particularidades sociais e culturais dos trabalhadores, que também são materializadas no resultado do processo de trabalho da oficina do artesão. Por exemplo, cada peça desenvolvida nas unidades observadas é peça singular que materializa toda a humanidade e a espiritualidade dos trabalhadores que a produziram. Como se pode observar no seguinte depoimento:

Peça é um problema, porque assim, quando está fazendo uma máquina, tu faz uma máquina, muita peça, a maioria das peças, tu tem um desenho, só que na hora de montar e de ajustar, tu faz alguma alteração, tu lixa um pouquinho mais um eixo, tu aumenta um pouquinho um furo, tem muitos ajustes que tu esquece de passar para o desenho, o projeto. (Depoente 1).

Esse depoimento está repleto de humanidade e espiritualidade, porque, quem faz a máquina, são os próprios sujeitos que a objetivaram. Esses sujeitos, ao refletirem e agirem durante o desenvolvimento do projeto, materializam parte do seu ser no produto. Os erros,

com a mesma conotação. Para Razeto (2005, p. 36-37), a economia popular é muito heterogênea e diferencia-se internamente, fazem parte dela os seguintes grupos: “microempresas e pequenas oficinas e negócios de caráter familiar, individual, ou de dois ou três sócios”; “organizações econômicas populares”; “iniciativas individuais não estabelecidas e informais”; “atividades ilegais e com pequenos delitos”; “soluções assistenciais e inserção em sistemas de beneficência pública ou privada”. Sendo assim as unidades de produção observadas nessa pesquisa fazem parte do primeiro grupo, os das “microempresas e pequenas oficinas e negócios de caráter familiar, individual, ou de dois ou três sócios”.

os acertos e os ajustes no processo de criação e de produção acabam se internalizando nos sujeitos, compondo as suas experiências. Contudo, a humanidade e a espiritualidade dos trabalhadores participam da reprodução ampliada do capital no momento em que as máquinas produzidas pelos trabalhadores servem como trabalho morto no interior do processo produtivo ao qual se destinam.

Esse processo de incorporação do trabalho do artesão independente para a valorização do capital não é uma temática nova. Marx (1985) denunciava, já no Século XIX, que o capital “por fios invisíveis” movimenta o trabalho assalariado, o trabalho do artesão independente e o trabalho a domicílio para a sua valorização. O que se apresenta como contexto novo aqui é que, com a reestruturação produtiva do capital, ampliou-se o contingente de trabalhadores organizados em pequenas unidades de produção autônomas e parte desse contingente assemelha-se ao artesão industrial independente, e, em parte, assemelha-se ao trabalho assalariado.

No campo empírico, as relações de produção no interior de certas oficinas dos pequenos produtores que atuam no setor metalomecânico aproximam-se das relações de produção dos artesãos industriais independentes, porque: o local de trabalho é anexo à residência dos trabalhadores; eles são proprietários dos meios de produção; possuem conhecimentos técnicos, científicos e do processo produtivo; possuem autonomia de ter ideias, de escolhas no processo de trabalho e do controle do tempo; realizam cooperação simples, solidária e comunitária; o trabalho faz parte da reprodução ampliada de vida; e realizam o ensino de crianças e jovens.

No campo teórico, as reflexões orientadas pelo materialismo histórico e dialético fazem ampla crítica às relações sociais de produção capitalista. As críticas denunciam o processo de divisão do trabalho, instituído pela industrialização e pela introdução da maquinaria no processo produtivo, que acabam transformando o trabalhador num apêndice da máquina, perdendo, assim, o controle do processo produtivo. Na crítica à subsunção e submissão do trabalho ao capital, Marx (1985) e Gramsci (2008) denunciam a perda, por parte dos trabalhadores assalariados, das possibilidades de desenvolvimento e ampliação da capacidade criativa e autônoma que eram próprias do artesão. Porém Marx (1985), ao analisar a produção industrial, identifica-se a presença, no processo produtivo, do artesão industrial como uma classe de trabalhadores mais elevada com formação científica e artesanal. Já Thompson (1987b), em seus estudos sobre a cultura operária e a formação da classe operária inglesa, reconhece o artesão industrial como um trabalhador com amplo conhecimento, criativo e versátil.

No Brasil, os estudos de Kuenzer (2011) e Santos (2010), mesmo não se referindo ao artesão industrial, identificam, no processo de produção de indústrias metalúrgicas, trabalhadores mais qualificados, os quais possuem características semelhantes ao artesão

industrial, principalmente no que se refere ao domínio do processo de produção, na execução de projetos e na manutenção de máquinas-ferramentas. Contudo, esses trabalhadores - sujeitos das pesquisas realizadas por esses autores -, ainda que possuam certa autonomia, continuam como trabalhadores assalariados, isto é: não são proprietários dos meios de produção, não possuem relação direta com os clientes (consumidores) e nem com a comunidade local; o que diferencia esse trabalhador do artesão industrial independente.

A independência do artesão industrial tem aspectos diferentes daquela do trabalhador assalariado, ainda que incorporada pelo capital através do trabalho domiciliar ou do pagamento por peça. O trabalho do artesão industrial independente não significa uma ruptura com as relações patrão-empregado, mas, de certa forma, permite a retomada de alguns aspectos como autonomia, criatividade, cooperação solidária e conhecimento – características do artesão industrial independente. Mesmo libertando-se de certos aspectos da relação patrão-empregado, o artesão industrial acaba construindo estratégias produtivas e de relações sociais de trabalho com aspectos originais e/ou idênticas às relações patrão-empregado ou capital-trabalho.

O trabalho do artesão industrial independente, aqui abordado, longe de ser uma “atividade autônoma” como a proferida por Gorz (2003) e mais perto do trabalho domiciliar e pagamento por peça de Marx (1985), traz em si uma proximidade com a comunidade local que o vincula tanto à economia capitalista como à economia popular. A formação desse artesão dá-se num processo dialético trabalho-estudo-trabalho ou ação-reflexão-ação, sintetizado na práxis cotidiana do trabalho carregada de conhecimentos escolares ou científicos e conhecimentos tácitos. Em outras palavras: para o estudo, o que o trabalhador faz em sua práxis cotidiana, ele emprega tanto os conteúdos escolares como os conteúdos da experiência. Nesse processo dialético, o trabalhador cria, recria, planeja, executa, comercializa e faz manutenção de produtos que atendem ora a economia capitalista, ora a economia popular. As relações de produção construídas no interior das unidades de produção e entre as unidades de produção pautam-se pela cooperação simples e pela cooperação solidária.

Assim, o trabalhador metalúrgico, que se denominou aqui de Artesão Industrial Independente, caracteriza-se por guardar semelhanças com o artesão independente e também como assalariado submisso. O trabalho, em certas unidades de produção, aproxima-se mais do trabalhador assalariado e, em outras, aproxima-se mais do artesão independente. As unidades que se aproximam mais do trabalho assalariado denominaram-se *unidades fechadas* (a unidade de componentes plásticos e a unidade de retífica), as que se aproximam mais do artesão independente denominaram-se de *unidades abertas* (unidade de máquinas-ferramentas, unidade de tornearia e unidade de soldagem) e as que

guardam características equilibradas de ambos, denominaram-se de *unidades semiabertas* (unidade de matrizes).

2.1 Características do artesão industrial independente e do trabalhador assalariado a domicílio

Para analisar as características dos trabalhadores metalúrgicos na perspectiva do artesão independente, elaboraram-se, com referência em Marx (1985, 1988), Thompson (1987a, 1987b, 1998), Enguita (1989), Sennet (2009), Rugiu (1998), Cunha (2005), Gorz (2003), Mance (2000), os seguintes aspectos que fazem parte das particularidades do *artesão independente*:

- 1- A oficina é a própria casa ou fica perto dela, fazendo parte do espaço familiar;
- 2- É proprietário dos meios de produção;
- 3- O domínio e o conhecimento das técnicas e dos instrumentos podem ser individual ou do coletivo de artesão associados;
- 4- Independência ou autonomia em relação às ideias (criação, planejamento e desenvolvimento) e ao processo produtivo propriamente dito;
- 5- Tem controle ou autonomia sobre o processo de trabalho (técnicas, ferramentas, duração e intensidade) e o produto do seu trabalho;
- 6- Participa de uma rede de cooperação comunitária, solidária e de ajuda mútua (agremiações);
- 7- Possui liberdade ou autonomia para interromper o processo produtivo para viajar ou festejar (liberdade de ir e vir);
- 8- Tem autonomia ou controle sobre o seu tempo;
- 9- Está vinculado aos costumes comunitários (relação direta com o consumidor);
- 10- Concebe o seu trabalho como uma opção de vida;
- 11- Recebe crianças e jovens como aprendizes, zelando por sua aprendizagem prática, técnica e científica;
- 12- Constrói relações de trabalho, própria de uma família ampliada: mestre (chefe da família), filhos, aprendizes e jornaleiros (empregados);
- 13- Possui compromisso de ensinar o aprendiz não só as técnicas, mas ler, escrever, desenhar e calcular ou garantir a matrícula e frequência na escola;
- 14- Tem conhecimentos técnicos e científicos e habilidades necessários à produção.

Essas características são destacadas pelo referencial teórico utilizado e são usadas como base da crítica ao trabalho assalariado. Contudo, estudos como os de Santos (2010) e Kuenzer (2011), relacionados ao trabalho industrial, identificam a existência de trabalhadores qualificados na indústria. Porém, o que caracteriza o *trabalhador assalariado* é a sua alienação ou a sua submissão ao capital, sintetizado nas seguintes particularidades:

- 1- Existe um distanciamento entre local de trabalho e local de moradia;
- 2- Não é proprietário dos meios de produção;
- 3- Tem domínio parcial das técnicas e dos instrumentos de produção;

- 4- O seu trabalho é uma fração do trabalho coletivo que resultará no produto final;
- 5- As tarefas são concebidas por outros, cabendo-lhe a execução;
- 6- Não possui autonomia ou liberdade de definição de tempo e escolha dos meios de produção;
- 7- A aprendizagem profissional ocorre tanto no interior da produção industrial ou em cursos específicos em instituições oficiais de ensino;
- 8- O trabalho industrial tem regulamentação própria e objetiva à reprodução do capital;
- 9- Possui distanciamento do consumidor;
- 10- As relações de trabalho são determinadas pela legislação trabalhista;
- 11- A convivência com grande número de trabalhadores assalariados no mesmo espaço facilita a organização sindical.

A seguir, apresentam-se, em separado, as semelhanças do trabalhador metalúrgico das pequenas unidades de produção autônomas com o artesão industrial independente e com o trabalhador assalariado, tendo como base as unidades estudadas.

2.1.1 Semelhanças com o artesão industrial independente

Observou-se que os trabalhadores sujeitos da pesquisa apresentam características que remetem fortemente ao artesão independente, sendo o trabalho nas *unidades abertas* o que mais se assemelha, pelos seguintes aspectos: local de trabalho, propriedade dos meios de produção; conhecimentos técnicos, científicos e do processo produtivo; autonomia de ter ideia, de escolha no processo produtivo e do controle do tempo; cooperação simples, solidária e comunitária; o trabalho como reprodução ampliada de vida; o ensino de crianças e jovens.

O *local de trabalho* dos trabalhadores proprietários das *unidades abertas* é muito próximo as suas casas. Das seis unidades observadas, três são unidades anexas ou próximas a casa do trabalhador: uma unidade de soldagem, localizada em uma peça na casa do artesão e ao lado da casa e oficina de seu pai, que também é artesão; uma unidade de tornearia, a qual o artesão herdou de seu pai e que fica anexa à casa dos seus pais; e, uma unidade que produz máquinas-ferramentas que fica num terreno aos fundos da casa do artesão proprietário. Nessas *unidades abertas*, o local de trabalho faz parte do espaço familiar o que caracteriza o artesão independente. Nas outras três unidades observadas, o local de trabalho não é anexo à residência do proprietário, guardando características da organização de uma empresa capitalista. Não se observou abertura a outras atividades que não fossem à produção de mercadorias próprias das atividades fins dessas unidades; o distanciamento do local de moradia explicita a separação do espaço de trabalho do de moradia.

A *propriedade dos meios de produção*. Todas as unidades de produção – abertas, semiabertas e fechadas - possuem meios de produção próprios, os serviços que dependem de outros meios podem ser feitos utilizando uma das seguintes alternativas: a) empréstimo de ferramentas; b) transferência ou contratação de serviço dentro da própria rede de

cooperação. Mesmo existindo a alternativa de transferir serviços, todos os trabalhadores entrevistados destacam as facilidades e a autonomia que a posse dos meios de produção garante-lhes. Outro aspecto observado quanto à propriedade dos meios de produção é que, nas *unidades abertas*, esses meios são colocados a serviço da comunidade local. Esses serviços não eram e não são disponibilizados pela grande indústria, a não ser mediante um custo monetário muito elevado à comunidade.

No que diz respeito aos *conhecimentos técnicos, científicos e do processo produtivo*, há características semelhantes nos sujeitos entrevistados. Os conhecimentos foram aprendidos ao longo da experiência de trabalho e de estudo (escolar e não escolar), o que possibilitou a construção da oficina e a produção tanto aquela diretamente vinculada à economia capitalista como à economia popular. Os conhecimentos básicos associados ao trabalho dos sujeitos investigados abrangem: matemática (cálculo), desenho, noções de física (mecânica e elétrica), química (tratamento de metais), técnicas de usinagem, usos de máquinas-ferramentas, noções de informática e processo de produção da indústria metalúrgica. Além desses conhecimentos, os trabalhadores indicam a necessidade de ter habilidade para trabalhar nas máquinas-ferramentas e desenvolver os produtos. Os artesãos proprietários dos meios de produção, ao possuírem conhecimentos e habilidades variadas no setor metalomecânico, o que caracteriza o domínio do processo produtivo, são considerados como um trabalhador versátil. Versátil não no sentido de saber operar mais de uma máquina-ferramenta, mas de saber criar, desenhar utilizando recursos digitais, programar, usinar, montar e ajustar. Mesmo com amplo conhecimento do processo produtivo, o conhecimento ainda é parcial, necessitando da rede de cooperação que auxilia na solução de problemas de produção, que demanda conhecimentos e usos de técnicas diversificadas.

A *autonomia de ter ideia, de escolha no processo produtivo e do controle de tempo* dos artesãos independentes entrevistados varia em grau, conforme os seus vínculos como as unidades *abertas, semiabertas e fechadas*. Observa-se que, nas *unidades abertas*, existe uma ampla liberdade para os trabalhadores colocarem em desenvolvimento as suas ideias no momento de produção. O artesão industrial independente tem autonomia no processo produtivo (uso de técnicas, ferramentas e na duração e intensidade das tarefas), pensa e projeta todo o produto objetivado, desenvolve aquilo que é possível com os recursos disponíveis e transfere para outras unidades de sua rede de cooperação aquilo que não é possível fazer em sua oficina. Nessas unidades, o tempo de trabalho e de não trabalho é definido pela demanda de serviços (aqui, entra a influência e os limitantes do capital) e pelas necessidades do artesão, que pode interromper as atividades da oficina: como, por exemplo, fazer uma viagem ou mesmo para ir pescar, como relatou um dos entrevistados. Nas *unidades semiabertas*, nem sempre ocorre o desenvolvimento da ideia do produto, na

unidade de matrizes observada, o que se desenvolve é a ideia da ferramenta para produzir o produto, o tempo nessa unidade é determinado pela legislação trabalhista, porém os trabalhadores têm autonomia para definir o tempo necessário para a conclusão da ferramenta. Já nas *unidades fechadas*, a ideia e o projeto do produto vêm determinados, cabendo ao trabalhador escolher o processo e o tempo necessário para produzir, devendo cumprir rigorosamente os prazos e os objetivos estipulados pela indústria que contratou os serviços. Contraditoriamente, a autonomia de tempo desses trabalhadores não representa redução do tempo de trabalho. Pelo contrário, com o aumento da procura de serviços nos últimos anos, os trabalhadores são levados a aumentarem e intensificarem a jornada de trabalho.

A *cooperação simples, solidária e comunitária* observada entre as unidades de produção ocorre no seguinte sentido: Cada unidade (composta de artesão independente, aprendizes e auxiliares) desenvolve tarefas de seu conhecimento ou especialidade e fornece ou solicita serviços em cooperação com outras unidades, compondo, assim, o que se chamou de rede cooperação (simples) produtiva. O trabalho da unidade de produção que realiza um serviço para outra unidade representa a cooperação simples, onde o artesão independente (com seus aprendizes e auxiliares) faz aquilo que é de seu conhecimento e habilidade que será somado ao trabalho de outros artesãos independentes para produzir um produto final. Essa cooperação também ocorre dentro da própria unidade (envolvendo o mestre artesão, os aprendizes e os auxiliares), onde um trabalhador coopera com outro trabalhador. Já a *cooperação solidária*, além de ser uma forma de cooperação simples, tem caráter de ajuda mútua, sem que, necessariamente, ocorra uma troca monetária trazendo para o interior do processo produtivo valores e costumes comunitários (RAZETO, 2005; TIRIBA, 2001). A *cooperação solidária* tanto ocorre entre as unidades de produção que compõem a rede, como entre a unidade de produção e a comunidade local. Observou-se que, entre todas as unidades de produção, há presença da cooperação simples e solidária, porém a cooperação comunitária foi observada somente nas *unidades abertas*. A *cooperação comunitária* observada possui as seguintes características: possibilita a apropriação por parte das classes populares de conhecimentos, técnicas e meios que, no processo taylorista/fordista, eram apropriadas exclusivamente pelo capital; a comunidade local encontra, nas *unidades abertas*, espaço para o atendimento de suas necessidades imediatas; e as relações construídas entre essas unidades e os seus clientes são relações de interesses comuns e locais.

O *trabalho como reprodução ampliada da vida* envolve a família ampliada, em que o trabalho torna-se opção de vida e da dignidade de todos e não de exploração. Em todas as unidades observadas, encontra-se presente o aspecto familiar, e o trabalho da oficina tem dimensão que vai além da valorização e reprodução do capital, ele faz parte da vida das pessoas. Os trabalhadores empregados entrevistados concebem o seu trabalho também

como uma opção para, num futuro próximo, construir a própria oficina. Essa característica está mais presente entre os trabalhadores das *unidades abertas* e semiabertas, já nas *unidades fechadas*, encontram-se pessoas em relação precarizada de trabalho e não existe “perspectiva de crescer” como relatou um dos entrevistados. Porém, para os artesãos proprietários, o seu trabalho é uma opção de vida e mesmo que não tenham um retorno esperado, o aspecto familiar e a liberdade que possuem fazem com que eles não tenham planos de abandonar a profissão. Para os artesãos proprietários das *unidades abertas*, o seu trabalho tem caráter de garantir a sobrevivência da família ampliada e atender a comunidade local. Na concepção da reprodução ampliada da vida, os produtos do trabalho têm a finalidade de atender as necessidades sociais, culturais e educacionais do trabalhador e da comunidade em que está inserido.

O *ensino de crianças e jovens* também está presente nas unidades investigadas, principalmente nas *unidades semiabertas* e *abertas*. Dos dez entrevistados, três formaram aprendizes, mantendo uma relação de mestre-discípulo, não nos moldes do antigo artesão independente, porém um misto de aprendizagem no cotidiano de trabalho aliado à frequência a cursos profissionalizantes. Esses aprendizes, hoje, são trabalhadores experientes das unidades investigadas e que, num futuro próximo, acabarão substituindo os mestres, quando eles aposentarem-se. Esse processo de ensino é muito próximo ao ensino no interior da grande indústria, porém tem caráter mais familiar, porque as relações mestre-discípulo não se esgotam no trabalho, elas envolvem relações afetivas e outros aspectos da vida comunitária como participação em eventos esportivos e de ajuda mútua. Essa relação mestre-aprendiz está sendo abandonada devido a CLT, que proíbe o trabalho de menores de 16 anos. Os aprendizes que, atualmente, encontram-se nas unidades investigadas são maiores e passaram por cursos profissionalizantes. Isso não quer dizer que não possa existir relações de amizade e de companheirismos entre mestre e aprendiz, porém, agora, a formação desses aprendizes ocorre em duas etapas: a primeira escolar e a segunda no trabalho.

O artesão industrial independente, identificado por esta pesquisa com conhecimento, autonomia e relações de cooperação que guardam semelhanças importantes com o antigo artesão, alterou as relações de trabalho nas indústrias metalúrgicas e mecânicas na Serra Gaúcha. Atualmente, vive-se um expressivo aumento das pequenas unidades de produção autônomas entre zero a quatro empregados, podendo ser classificadas como unidades *abertas*, *semiabertas* e *fechadas*. Entretanto, esse artesão independente, assim como os trabalhadores assalariados, faz parte da totalidade de produção capitalista, subsumido e subordinado ao capital. A subsunção ao capital ocorre quando a produção de mercadoria, através da cooperação simples e solidária, própria do trabalho do artesão, é incorporada pelo processo produtivo mais amplo e acaba sendo, como diz Marx (1985), por “fios

invisíveis” incorporada ao sistema, fazendo parte da reprodução ampliada do capital. A subordinação ao capital ocorre quando uma pequena unidade de produção, que não passa de extensão de outras indústrias, apenas executando as tarefas concebidas e projetadas por ela, como exemplo as *unidades fechadas*. São subordinadas porque não possuem autonomia para criarem e desenvolverem o produto de seu trabalho, não passando, assim, de trabalho domiciliar.

2.1.2 Semelhanças com o trabalhador assalariado a domicílio

Mesmo que o presente estudo identifique, nas *unidades abertas*, a independência do artesão industrial, encontrou-se também, nas *unidades fechadas* característica do trabalho precarizado. O trabalho precarizado nessas unidades dá-se por contrato temporário, contrato sem carteira de trabalho assinada e a produção depende exclusivamente da demanda de outras indústrias, que utilizam esse trabalho para reduzir os custos de produção a serviço da competitividade nas disputas entre empresas capitalistas. Por isso, o trabalho nas pequenas unidades de produção autônomas acaba contribuindo para a reprodução ampliada do capital e, nas *unidades fechadas*, apenas a propriedade parcial dos meios de produção refere-se ao artesão independente, as demais características são de trabalho domiciliar, assalariado e precarizado.

Assim, o trabalho nas *unidades fechadas* assemelha-se ao trabalho assalariado nos seguintes aspectos: distanciamento do local de trabalho do de moradia; tarefas parcializadas; concepção do produto e das tarefas alheia ao trabalhador; os meios de trabalho e o tempo são determinados pela indústria contratante; a aprendizagem é fruto da experiência no trabalho e do estudo formal escolar; o trabalho está diretamente relacionado à valorização e à reprodução do capital; a ausência da relação direta com o consumidor; as relações de trabalho são precárias, em parte, atendendo a legislação trabalhista; e a formação profissional ocorre tanto no interior da produção industrial ou em cursos específicos das instituições oficiais de ensino.

O *distanciamento do local de trabalho do de moradia* faz parte das singularidades das *unidades fechadas* e semiabertas, sendo que as três unidades de produção observadas (duas fechadas e uma semiaberta) distanciam-se do local de moradia e estão localizadas em pavilhões alugados. Porém, não significa que, em outras *unidades fechadas* da região, que não foram observadas, não exista a proximidade com o local de moradia. Pode-se afirmar que as *unidades semiabertas* e *fechadas* possuem um distanciamento não só do local da moradia como do envolvimento comunitário. O local de trabalho é um local de produção e acúmulo de capital. Mesmo de caráter familiar, os membros da família trabalham junto com os trabalhadores empregados com o fim de cumprir as tarefas definidas externamente.

As *tarefas são parcializadas* e integram uma cadeia produtiva composta por uma rede de empresas que cooperam entre si com o objetivo de atender a demanda de uma ou mais empresas. Como exemplo, indica-se uma unidade de componentes plásticos (*unidade fechada*) que produz peças para uma indústria de brinquedos e para uma indústria de materiais funerários. Os trabalhadores dessa unidade - assim como os da unidade de retífica (a segunda *unidade fechada* observada) - realizam junto à máquina tarefas que, somadas às tarefas de outras unidades, vão construir o produto final. Esses trabalhadores continuam realizando um trabalho parcializado, porém em espaço e tempo diferenciado do anteriormente existente na grande indústria. Como as *unidades fechadas* realizam serviços terceirizados para outras indústrias do setor, não passam de trabalho assalariado, precarizado (não possuem contrato formal de trabalho) ou a domicílio no sentido de que é realizado com local e instrumentos dos próprios trabalhadores.

A *concepção do produto e das tarefas alheia ao trabalhador* ocorre com os trabalhadores das *unidades fechadas*. Os trabalhadores recebem o desenho e as demais especificações da indústria contratante, cabendo aos trabalhadores das pequenas unidades de produção autônomas a mera execução dessas tarefas. Em alguns casos, como o exemplo da unidade de componentes plásticos, os trabalhadores possuem as máquinas, porém as ferramentas são de propriedade da empresa que contrata os serviços. Caso semelhante é o da unidade de retífica, onde os trabalhadores recebem o desenho e as especificações do material a ser retirado, cabendo-lhes a interpretação dos desenhos, a colocação das ferramentas nas máquinas, a regulagem e a retirada do material das peças. Mesmo que os trabalhadores sejam proprietários dos meios de produção, eles estão a serviço de execução de tarefas prescritas por outras empresas. Os trabalhadores recebem os desenhos (projetos) prontos das empresas contratantes, cabendo-lhes executarem as tarefas necessárias para desenvolver o objeto projetado.

Os meios de trabalho e o tempo são determinados pela indústria contratante. As máquinas-ferramenta das unidades fechadas são máquinas que têm uma função específica, não possibilitando a criação e o desenvolvimento de outros serviços, atendendo, assim, aos objetivos específicos da empresa contratante. A unidade de componentes plásticos ilustra essa situação. A unidade recebe a ferramenta (molde) e injeta o material fornecido da indústria contratante e o trabalhador recebe o pagamento por hora, com o preço definido conforme o praticado no mercado como relatou um dos entrevistados. A unidade de retífica já possui um pouco mais de autonomia, principalmente na definição do tempo e do preço a ser cobrado por serviço contratado.

O trabalho está diretamente relacionado à valorização e à reprodução do capital, principalmente nas *unidades fechadas*, a valorização do capital ocorre mediante o processo de extração de mais-valia no interior da cada unidade. Como se observou, a valorização e a

reprodução do capital ocorrem em todas as unidades de produção autônomas. O produto do trabalho das unidades observadas pertence a quem contrata os serviços dessas unidades, isso ocorre principalmente nas *unidades fechadas* e *semiabertas* ou pelo consumidor final nas *unidades abertas*. Quando o produto circula no mercado com um valor superior ao trabalho pago, o trabalho não pago acaba valorizando o capital investido pelo contratante. Neste sentido, o trabalho em todas as unidades observadas acaba assemelhando-se ao trabalho assalariado, compondo as estratégias de acumulação ampliada do capital. Assim, as unidades observadas, ao produzirem para a demanda do mercado, o capital submete não só o trabalhador assalariado como também todas as relações de cooperação solidárias e comunitárias a sua valorização. Neste aspecto, o trabalho nas pequenas unidades de produção autônomas não passa de trabalho assalariado na relação capital-trabalho. Contraditoriamente, como já referido, ao mesmo tempo em que as unidades de produção possibilitam a reprodução ampliada do capital, elas criam espaço de reprodução ampliada da vida ao construir junto à comunidade local espaços e relações que possibilitem à melhoria da qualidade de vida, que envolve aspectos como atividades esportivas, festivas e comunitárias, entre outras (CORAGGIO, 2000).

A ausência de relação direta com o consumidor ocorre nas *unidades fechadas* e *semiabertas*. O trabalhador executa a tarefa concebida pelas empresas contratantes, desconhecendo o consumidor final do produto de seu trabalho. Nesse caso, o trabalhador continua alheio ao consumidor. Além disso, os trabalhadores sabem que o produto de seu trabalho fará parte de um processo de trabalho que envolve um conjunto de empresas de um determinado setor, porém não conseguem edificar ou identificar-se no produto final. Diferente é o caso das *unidades abertas* que mantêm relação direta com a maioria dos consumidores, salvo os serviços que terceirizam para outras empresas.

As relações precárias de trabalho, em parte atendendo a legislação trabalhista fazem parte da reprodução ampliada do capital que, ao terceirizar parte do sistema ou processo produtivo, acaba desresponsabilizando-se pela seguridade social desses trabalhadores. Observou-se que a precariedade do trabalho, especialmente quanto aos direitos trabalhistas das relações trabalhistas, não ocorre em todas as unidades. Em três das seis unidades observadas, os trabalhadores possuem registro formal de relação de trabalho em “carteira assinada”, já nas outras três, a relação de trabalho não é formalizada. Mesmo os que possuem carteira assinada, a cada crise de produção no setor, os trabalhadores empregados acabam sendo dispensados, ficando apenas os membros mais próximos da família do artesão industrial independente.

A aprendizagem profissional ocorre tanto no interior da produção industrial ou em cursos específicos das instituições oficiais de ensino. Observou-se que tanto os trabalhadores proprietários como os trabalhadores empregados reconhecem que passam por um processo de formação concomitante: a ocorrida no trabalho e aquela da escola. Nas

observações e entrevistas, não se identificou diferença dos achados com os dos estudos realizados por Kuenzer (2011) e Kuenzer et al. (2007), os quais identificam que a formação na experiência depende de instruções sistematizadas. A aprendizagem dos trabalhadores observados ocorreu no próprio espaço de trabalho, onde trabalhadores experientes e com conhecimento tácito e científico serviam como professor, ou a aprendizagem ocorreu em cursos realizados em escolas técnicas ou promovidos pelo SENAI. Nas observações junto aos sujeitos da pesquisa, constatou-se a predominância de trabalhadores com formação mínima no Ensino Médio, o que destaca a importância desse nível de ensino para a formação de trabalhadores no setor metalomecânico da Serra Gaúcha ou para a realização ou inserção no setor.

Com essas descrições, pode-se constatar que o trabalhador artesão industrial existente na Serra Gaúcha transita entre o trabalho assalariado e o trabalho independente, dependendo do seu nível de qualificação e da projeção e do controle do processo produtivo de um determinado produto. Os trabalhadores proprietários foram questionados se voltariam a trabalhar como empregados novamente. Todos afirmaram que, apesar de que nos momentos de crise do capital chegarem a receber valores inferiores aos trabalhadores empregados, a liberdade ou a autonomia conquistada com a propriedade dos meios de produção levaria a permanecer como trabalhadores independentes.

3. Considerações finais

Ao refletir sobre a **independência do artesão industrial** nos tempos atuais, não se descartou a sua subsunção ao capital, nem a precariedade das relações trabalhistas no interior das milhares de oficinas existentes na Serra Gaúcha e nos demais complexos industriais brasileiros. Todavia, a quantidade expressiva de artesãos industriais independentes remete à reflexão sobre o seu papel sócio-econômico-político-cultural.

Nas leituras que se fez de Marx, no que se refere ao artesão independente, identificou-se duas afirmações contraditórias e que podem levar a duas análises distintas: a) uma de cunho político no *Manifesto do partido comunista*, em que Marx e Engels (2002, p. 55) afirmam que os camponeses e os artesãos são conservadores e reacionários, “quando se tornam revolucionários, é em consequência de sua iminente passagem para o proletariado; defendem então seus interesses futuros, não seus interesses presentes, abandonando seu próprio ponto de vista pelo do proletariado”; b) outra de cunho mais econômico, no final do primeiro livro de *O capital*, quando Marx (1985, p. 298) afirma que quando “o trabalhador assalariado de hoje torna-se amanhã camponês ou artesão independente, economicamente autônomo”, deixa de trabalhar para o capital e passa a trabalhar para si, acaba tornando-se um concorrente do próprio capitalista e retirando do mercado de trabalho um significativo contingente de trabalhadores assalariados.

Essas duas afirmações poderiam levar a duas conclusões antagônicas a respeito do surgimento de uma massa de artesãos industriais independentes.

A primeira que aponta para o surgimento de uma pequena burguesia conservadora e reacionária que, aliada à grande burguesia, acaba contribuindo para a reprodução ampliada do capital, através da subcontratação, expropriando ainda mais o trabalhador. Esse fato amplamente criticado e denunciado pelos estudos realizados sob a orientação da Acácia Kuenzer e de Ricardo Antunes, denuncia a terceirização como forma de precarização das relações de trabalho. Críticas consistentes que serviram como referência para a análise dos trabalhadores organizados em pequenas unidades de produção autônomas da Serra Gaúcha.

A segunda pode levar à interpretação de que o surgimento de uma massa de artesãos independentes tende a superar as relações de produção capitalista, através da solidariedade e das relações comunitárias. Seguindo essa concepção, encontra-se o trabalho de Gorz (2003) que constata, já nos anos 1960, a tendência do surgimento de empresas de apenas um artesão ou microempresa artesanal. Para esse autor, mesmo que o trabalho autônomo do artesão não represente a superação ou emancipação do trabalho, ele está mais próximo da “atividade autônoma” do que do trabalho heterônomo. O autor afirma que o trabalho somente transformar-se-á em uma “atividade autônoma” no momento em que for: “a) auto-organizado em seu processo; b) uma busca livre da finalidade a que se propôs; c) humanamente satisfatório para a pessoa que a ele se dedica” (GORZ, 2003, p. 83).

Ainda no campo teórico marxiano, essas duas tendências interpretativas, que destacam o surgimento de artesãos independentes, não apontam para a superação do capital; pelo contrário, apenas indicam que fazem parte da totalidade da reprodução ampliada do capital. A autonomia, a criatividade, o controle do processo produtivo, o conhecimento e a cooperação solidária presentes no trabalho do artesão independente fazem parte da subjetividade do trabalhador, que é subsumida e subordinada pelo capital como parte de sua reprodução ampliada.

Nas relações de trabalho dos artesãos independentes investigados, identificou-se não só a reprodução ampliada do capital, como também a presença de relações de: ajuda mútua, cooperação solidária, trocas de serviços, relações familiares e comunitária que fazem parte da reprodução ampliada da vida. A reprodução ampliada da vida aparece, aqui, convivendo, contraditoriamente, com a reprodução ampliada do capital. Pode-se dizer que potencializa relações sociais que timidamente contribuem para a superação da reprodução ampliada do capital. Contudo, conclui-se que esse potencial emancipatório emergente entre os artesãos industriais independentes ainda carece de organizações sindicais e de lideranças que estimulem a sindicalização e a organização deles, visando à construção da consciência crítica e da união dos trabalhadores para superar as relações de opressão impostas pelo capital.

REFERÊNCIAS

CATTANI, Antônio David. **Trabalho e autonomia**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 195
CORAGGIO, José Luiz. **Da economia dos setores populares à economia do trabalho**. In: KRAYCHET, Gabriel; LARA, Francisco; COSTA, Beatriz (Orgs.). Economia dos setores

- populares: entre a realidade e a utopia. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Capina; Salvador: CESE: UCSAL, 2000. p. 91-141.
- CUNHA, Luiz Antônio. **O ensino de ofícios artesanais e manufatureiros no Brasil escravocrata**. 2 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2005. 190 p
- ENGUITA, Mariano Fernández. **A face oculta da Escola**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- GORZ, André. **Metamorfoses do trabalho**: críticas da razão econômica. São Paulo: Arnnablume, 2003. 248 p.
- GRAMSCI, Antônio. **Americanismo e Fordismo**. São Paulo: Hedra, 2008.
- GUTIÉRREZ, Francisco. **Alcances educativos do fator “C”**. In. GADOTTI, Moacir; GUITIÉRREZ, Francisco. Educação comunitária e economia popular. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2005. p. 98-110.
- HOBSBAWM, Eric J.. **Mundos do Trabalho**: novos estudos sobre a história operária. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- KUENZER, Acácia Zeneida, et al. **A articulação entre conhecimento tácito e inovação tecnológica**: a função mediadora da educação. In. Revista Brasileira de Educação, v. 12 n. 36 set./dez. 2007. p. 462-473.
- KUENZER, Acácia Zeneida. **Pedagogia da Fábrica**: as relações de produção e a educação do trabalhador. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2011. 205 p.
- MANCE, Euclides André. **A revolução das redes**: A colaboração solidária como uma alternativa pós-capitalista à globalização atual. Petrópolis: Vozes, 2000. 220 p.
- MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política. Tradução Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. Livro Primeiro. Volume I. Tomo I (os economistas). 3 ed. São Paulo: Nova Cultura, 1988. 287 p.
- MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política. Tradução Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. Livro Primeiro. Volume I. Tomo II (os economistas). 2 ed. São Paulo: Nova Cultura, 1985. 306 p.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do partido comunista**. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- RAIS – MTE. **Relação anual das informações sociais – Ministério Trabalho e Emprego**. Disponível em: <http://bi.mte.gov.br/bgcaged/rais.php>. Acesso em: nov. 2013.
- RAZETO, Luis. **Economia de solidariedade e organização popular**. In. GADOTTI, Moacir; GUITIÉRREZ, Francisco. Educação comunitária e economia popular. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2005. p. 34-58.
- RUGIU, Antônio Santori. **Nostalgia do mestre artesão**. Campinas: Autores Associados, 1998. 176 p.
- SANTOS, Geraldo Márcio Alves dos. **Pacto para viver**: a mobilização de saberes na produção associada, gestão e organização do processo de trabalho e maquinaria em uma indústria metalúrgica. Niterói: UFF, 2010. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense-UFF, 2010.
- SENNET, Richard. **O artífice**. 2 ed. Rio de Janeiro: Record, 2009. 360 p.
- THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 493 p.
- THOMPSON Edward Palmer. **A formação da classe operária Inglesa. Volume I**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987a. 204 p.
- THOMPSON, Edward Palmer. **A formação da classe operária Inglesa. Volume II**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987b. 347 p.
- TIRIBA, Lia. **Educação popular e cultura do trabalho**: pedagogia(s) da produção associada. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2001. 400 p.